

O PACTO

Um conto de Ronei Baldissera

O avião pousou na cidade litorânea quente; uma viagem ao longo do gradiente de latitude. O ar era úmido e claro com a luz do sol tilintando no ar de praia; uma luz diferente, o mar refletia ondas luminosas em uma dança de vai e vem constante. Os olhos de Cáron tremiam quando entrou na sala de desembarque para esperar sua mala cheia de livros. Nos últimos meses, esse era seu objetivo, escapular da vida incerta e a melhor forma era o serviço público. Promessa de estabilidade e altos ganhos. Afinal, havia estudado por mais de dez anos para conquistar o sonho de qualquer um: uma vida burguesa de trabalho previsível e ganhos garantidos.

Devaneava enquanto esperava a mala. Era uma ótima oportunidade. Uma cidade tropical, no limite continental da América do Sul com o oceano atlântico. Certamente, seria um expoente da sociedade local, de pessoas na maioria humildes. Além disso, havia a tradição secular do coronelismo, herança das capitânicas hereditárias. Não que tivesse esse objetivo, mas essa prática social enraizada elevava qualquer um com um pouco de poder a um patamar de “sinhô”. Por outro lado, seu maior incentivo era fugir das garras de uma coordenadora tirana, meio louca mesmo. A mulher fez de sua vida um inferno. Não bastasse ela, havia sua capanga, a colega cordeirinha da chefona. Por que sempre havia criaturas que procuravam tumultuar os ambientes com seus egos enormes e desajeitados?

Voltou do transe temporal quando viu sua mala. Pegou o volume e foi até a fila de táxis na frente do aeroporto. Sentiu um desconforto psíquico, que se traduziu em uma tontura e um longo zumbido no ouvido esquerdo. Lembrou de seu instrutor, um homem versado nas artes ocultas da alquimia e da vidência. Zumbido na esquerda é energia negativa chegando até a consciência. O zumbido se prolongou. A tontura aumentou. No meio do zumbido, ouviu uma voz: “Senhor, para onde vamos?” “O quê?” retrucou desconexamente. O taxista olhava pelo espelho retrovisor. Levou um susto que lhe trouxe de volta. O rosto do motorista estava deformado. Os olhos tinham as veias vermelhas saltadas. A boca entreaberta e, de dentro, emanava um hálito que embaçava o espelho retrovisor. Viu sobre os ombros do taxista pequenas mulheres que dançavam sensualmente. Uma delas apontou o dedo para ele e pegou fogo. “O Senhor está bem?” A pergunta lhe tirou do transe, mas o mal-estar se manteve. Balbuciou que estava tudo bem. Porém, não tinha certeza. Procurou na rua algum sinal de mulheres dançando, nada. Deu o endereço ao taxista e disse que ia ao hotel Praiano. O motorista arrancou o carro e expressou seu estranhamento abanando a cabeça; falou que o tal hotel havia fechado. Cáron estranhou. Mas como era possível se reservou o quarto pela internet? Inclusive, recebeu o email de confirmação. O taxista deu de ombros, já visivelmente incomodado. Nessa hora, entraram em uma rua à beira de um rio. Após percorrer alguns metros, um hotel apareceu à esquerda. No que o homem imaginou ser a sacada do quarto de frente no primeiro andar, vislumbrou uma mulher de cabelos negros, compridos, pele cor de café e

olhos negros enormes. Ela estava parada com as mãos no peitoril da sacada. Vestia um daqueles vestidinhos finos e leves de cor vermelha, típicos dos climas quentes. Assim que o táxi cruzou na frente do hotel, ela encarou Cáron. Um frio percorreu a sua espinha. Podia jurar que a mulher era uma das que viu no seu transe minutos antes.

Gritou para o motorista parar. O taxista deu uma freada brusca e o carro de trás não conseguiu parar a tempo de evitar o choque. Agora, toda fúria do motorista veio à tona. Esbravejou todos os impropérios conhecidos e desconhecidos. Culpou o passageiro pelo ocorrido e exigiu compensação, mas teve seu pedido negado veementemente. O taxista saltou do carro e foi avaliar o estrago. Na realidade, o resultado foi apenas um arranhão. O taxista abriu o porta-malas, retirou a bagagem e jogou na calçada. Cobrou a corrida e se despediu com um enigma: “Se soubesse que tinha interesse em putaria, teria te levado a um lugar melhor.” Cáron não entendeu a observação. Pagou o taxista e foi recolher as malas. Ficou surpreso ao ver duas moças, adolescentes, com os dois volumes nas mãos. As duas pareciam saídas de um filme muito antigo. Suas vestes eram muito simples. Vestidinhos de uma peça inteira amarrados na parte de trás da cintura. “O Senhor vai para o hotel?” perguntou a que aparentava mais idade. “Levamos suas malas, não precisa se preocupar, não cobraremos.” A moça abriu um sorriso. Já exausto da viagem de avião e da incomodação, Cáron assentiu resignado.

Virou de frente para o hotel do outro lado da rua. A mulher da sacada havia desaparecido. Atravessou a rua com as duas moças logo atrás. Cruzou o portão de ferro da frente do hotel. Pode, agora, analisar melhor a construção. Na verdade, era uma casa de dois andares transformada em hotel. Uma arquitetura dos anos 60. A fachada de alvenaria estava pintada de azul. As janelas apertadas com dois vidros em quatro partes. O vidro de baixo subia por dentro do de cima e se fixava com duas borboletas. A parte de fora da janela era daquelas venezianas de abrir de madeira com palhetas. A estrutura era fixada aberta por dois prendedores com carrancas. As carrancas pareciam as duas moças que estavam carregando suas malas. Do lado esquerdo da fachada, uma espécie de varanda se abria com uma abertura em meia-lua. Acima da varanda, estava a sacada onde havia visto a mulher. Toda casa emanava um clima de velharia. A porta de entrada era de vidro. Antes de empurrar a porta para entrar no hotel, virou para agradecer as moças. Não havia ninguém. Somente os dois volumes depositados no chão. Tudo estava tão estranho que nem se deu ao trabalho de intrigar-se. Adentrou ao hall de entrada do casarão. A decoração era moderna, com móveis de escritório e paredes e teto com reboco e pinturas novas. Um contraste com o exterior.

No fundo do hall, se estendia um balcão com um monitor de computador em cima. Por trás da tela, um recepcionista espreitava. Era um rapaz novo, vinte e poucos anos, magro, com os cabelos escuros, nariz aquilino, boca fina e um ar de assustado e confuso. Cáron pediu ao rapaz para recolher suas bagagens, que assentiu prontamente. “O Senhor fez reserva?” perguntou quando voltou com as malas. “Não”. O rapaz fez algumas perguntas de praxe e passou a ficha de registro para preenchimento. Cáron notou, ao lado do nome do hotel, a data de 1999. Perguntou ao rapaz qual a atividade comercial anterior daquele lugar. O recepcionista disse que ainda era um hotel, mas que, naquele ano registrado, os donos atuais assumiram a direção.

Após o preenchimento, o rapaz pegou suas malas para levá-lo ao quarto. Saíram da recepção e entraram em um corredor comprido. Imediatamente, a sensação de vertigem voltou e Cáron teve um momento de desassociação. Sua mente teve uma visão daquele corredor no passado. As paredes eram encardidas e o ar cheirava a fumaça de cigarro e cerveja. Risadas de mulheres ecoavam do andar superior. Sentiu que, lá em cima, coisas mundanas aconteciam. Esse estado durou o tempo de percorrer os poucos metros até o meio do corredor onde uma escada levava ao andar de cima. O homem compreendeu o que estava acontecendo. Ele já havia participado de sessões em centros espiritualistas.

Tinha uma certa mediunidade, característica das pessoas que possuem a habilidade involuntária ou voluntária de acessar outras dimensões da realidade. Ele estava contatando o que os espiritualistas chamam de registro akáshico. Um arquivo invisível ao homem ordinário, e que registra as frequências de tudo que foi feito, dito, pensado e sentido. É a memória do Universo. Naquele momento, soube que algo ia acontecer. Aquela viagem não seria ordinária. Esse pensamento, que deveria ser reconfortante, lhe trouxe inquietação e medo.

Subiram as escadas. O quarto ficava à direita de quem sobe. Abriu a porta e entrou. O quarto era básico. Uma cama de casal encostada na parede que dava para o corredor. Do outro lado do quarto, havia uma janela que abria para o interior do bairro onde casas eram predominantes. Na frente dos pés da cama, havia a entrada de um banheiro amplo com um chuveiro simples. Ao lado da porta do banheiro, se estendia uma parede onde se fixava uma TV antiga. Abaixo dela, uma escrivaninha e, ao lado, um frigobar.

Cáron se instalou e já puxou seu computador para iniciar a preparação final para a prova da Universidade. Uma vaga para professor estava disponível. Vários candidatos participariam, portanto, precisava se preparar da melhor forma. Em primeiro lugar, procurou esquecer os acontecimentos do dia. Ficou absorto nos estudos por várias horas. Em algum momento, escureceu, mas o ar quente e úmido não deu tréguas. O ar-condicionado do quarto não dava conta de melhorar muito o clima. Cansado de ler na tela do computador e com fome, resolveu sair. A noite estava quente. O braço de rio que ficava em frente ao hotel dava um ar de beira-mar. As luzes da cidade refletiam na água. A paisagem era aconchegante. Na orla, alguns bares se distribuía. Surpreendentemente, não encontrou algo digno para comer. Estava em uma cidade litorânea, que deveria ser turística, mas o cenário era desolador. Os estabelecimentos eram simplórios e vendiam qualquer coisa industrializada ou pastel. Resolveu percorrer a avenida para ver se encontrava algum restaurante. Realmente, encontrou alguns, mas os preços eram proibitivos para seus recursos atuais. Mais adiante, na avenida, se deparou com um mercado. Bom, pensou, pelo menos compraria algo para comer e beber que estivesse dentro de seu orçamento.

Durante toda caminhada exterior, aquela sensação de urgência e receio não lhe abandonou. Havia diminuído, mas não havia cessado. Retornou para o hotel que, à noite, projetava uma silhueta de um lugar muito antigo. As sombras pareciam dançar na luz noturna e ele imaginava ouvir risadas nos cantos mais escuros do pátio. Subitamente, ouviu uma voz feminina e levantou a cabeça. A mulher estava na sacada novamente com o mesmo vestido. Olhava para baixo de lado timidamente, como se não quisesse encará-lo. Ele parou e ficou olhando para ela por alguns momentos. Lentamente, a mulher levantou a cabeça e lançou um olhar. Aquele olhar foi o mais triste que já vira na vida. Toda expressão do rosto da mulher transmitia uma melancolia indizível. Uma lágrima solitária rolou pela sua face morena. Ele se compadeceu enormemente com aquela cena. Já ia perguntar para a mulher se estava tudo bem quando uma buzina lhe assustou. Um carro entrava na garagem do hotel e ele estava interrompendo a passagem. Não havia percebido antes, mas havia uma entrada do lado esquerdo do hotel sem qualquer sinalização ou portão. Provavelmente, havia um espaço para garagem nos fundos do pátio. Entrou no hotel e a sensação desagradável lhe tomou novamente com todas as forças. Sentiu um forte enjoo. Pegou a chave com o recepcionista. Preocupou-se em estar doente e não poder realizar a prova do concurso no dia seguinte. Tempo e dinheiro desperdiçados. Procurou se tranquilizar. Respirou fundo enquanto tomava o caminho para o quarto.

A bruxa cozinheira

Entrou no aposento. Fechou a porta. Em estado febril, não teve forças para mais nada. Sentou-se na cama e o enjoo aumentou. Deitou-se de lado com roupa e tudo e se encolheu com o rosto voltado para a parede. Acordou no meio da madrugada com sons indistintos de risadas e uma música antiga ao longe. Quando sua consciência acoplou ao corpo, teve um sobressalto e um frio de medo enregelou sua espinha. Sentiu, nitidamente, que alguém estava lhe abraçando de concha. Sentiu o perfume da pessoa. Um daqueles perfumes doces baratos que se compra em perfumarias suburbanas. Automaticamente, levantou o braço para se desvencilhar do abraço. Tudo isso demorou alguns instantes. Assim que se mexeu, percebeu que estava sozinho no quarto. Uma brisa entrava pela janela balançando a cortina levemente. A luz da lua ressaltava as formas sombrias do quarto. Ainda percebia a sensação do corpo estranho junto ao seu. O perfume doce e pesado ainda estava no ar. Sentou-se na cama, respirou fundo várias vezes para retomar o controle emocional. A mente racional começou a elaborar explicações sobre o que ocorrera. Talvez uma lembrança de infância? Talvez um sonho lúcido? Tentou se iludir, mas sabia exatamente o que estava acontecendo. Soube desde o momento que viu as mulheres no táxi.

Não conseguiu dormir mais. Tomou um banho para acordar e tentar estudar mais um pouco. A prova do concurso era naquele dia pela manhã. Precisava se recuperar daquela experiência o mais rápido possível. Sentou-se, abriu o computador, mas sua mente era constantemente interrompida por jatos emocionais desconexos. Se não fosse calejado em situações sobrenaturais, teria corrido para o pronto socorro. Mas seu caso não era físico, era espiritual. O sol raiou e a cidade voltou, devagar, à rotina. Quando estava na hora, arrumou suas coisas e saiu para pegar o ônibus que o levaria até a Universidade, que ficava fora da zona urbana da cidade. O ônibus estava lotado e o calor deixava tudo mais difícil. Percorreu uma boa parte da cidade, que era sinceramente feia. Edifícios antigos mal conservados. Lixo espalhado por todos os lados. As pessoas eram simples. Com isso ele simpatizou. Mas todas traziam estampadas em seus semblantes a rudeza da vida. Durante o percurso, divisava as pessoas que iriam para a Universidade. Jovens com olhares mais amenos e inquiridores com mochilas modernas que provavelmente guardavam computadores. Percebia-se que tinham aquela esperança da promessa de sucesso que o ensino superior oferecia. Uma forma mais erudita de fazer parte da mesma engrenagem social capenga. Uma promessa de ascensão social vendida como elixir, como bálsamo, como redenção. Seus futuros estudantes, se tudo desse certo.

Ao final do dia cansativo de provas, atravessou a estrada na frente da Universidade para tomar o ônibus de volta. Estava exausto. Entretanto, por algumas horas tinha esquecido do que ocorrera na noite anterior. A sensação de pressão emocional havia dado uma trégua. Pensou que, talvez, tudo não tivesse passado de efeitos de uma longa viagem para um lugar desconhecido. Que o estresse da pressão de fazer o concurso lhe havia causado alterações fisiológicas que detonaram efeitos psicóticos. Tentou se agarrar a isso como uma criança se agarra à areia da praia que escorre por entre seus dedos. Resolveu não voltar ao hotel imediatamente. Desceu do ônibus algumas quadras antes e começou a caminhar nas ruas da cidade. Realmente, uma cidade sem charme. Ou talvez devesse dizer que tinha um charme rústico demais. Tudo era muito velho e mal conservado, parecia abandonado. As ruas eram escuras. Bares simplórios, sem qualquer atrativo. Pessoas se sentavam na frente desses lugares para tomar cerveja no calor tropical. Em frente aos estabelecimentos, mulheres vestidas com roupas brancas e turbantes vendiam comidas típicas feitas na hora. Resolveu experimentar a culinária local e parou em uma banca. Uma mulher grande com olhos pretos penetrantes lhe atendeu. No cardápio constavam somente cinco pratos. Todos eles tinham duas variações: com pouca ou com muita

pimenta. Pediu um dos pratos com pouca pimenta e uma cerveja. A mulher jogou a comida no óleo quente para ser fritada. Quando achou que estava pronta, retirou com um garfo longo, colocou em guardanapos e abriu com uma faca. Recheou a comida com vários vegetais em um molho, que deveria ser o pouco apimentado. Durante o processo, não tirou os olhos de Cáron, que ficou sem jeito. Vinha de uma região em que as pessoas estranhas não se olhavam nos olhos por muito tempo. Havia uma certa moral romana-cristã de que olhar demais para uma pessoa tinha uma conotação sexual. E sexo é um pecado em uma situação que não seja com sua esposa constituída. Quando a comida estava pronta, a mulher colocou em um prato de plástico e estendeu. Ele pegou o prato, mas a mulher não soltou. Ele levantou a cabeça e olhou nos olhos da mulher. Ela deu um sorriso enigmático e falou: “Elas precisam de você.”

Aquela fala pareceu envolver Cáron em um nevoeiro esmaecido. As luzes ficaram bruxuleantes, como se fossem luminárias a gás. A rua se transformou em uma viela com um chão de pedras manualmente construído. Carros antigos passavam lentamente e outros estavam estacionados. Risos altos se ouviam de toda parte, mas os bares já não eram iguais. Tinham fachadas antigas. As mesas não estavam na rua, mas dentro dos bares e eram de madeira rústica. Em cima delas, garrafas de aguardentes. Homens caminhavam em grupos na calçada estreita. Jovens, com músculos bem torneados, cicatrizes em diversas partes do corpo e tatuagens. Pareciam marinheiros. Em determinados cantos da rua mal iluminada, viu entradas guarnecidas por mulheres, que na verdade eram meninas recém-crescidas com maquiagem e roupas de mulheres. Essas meninas se ofereciam despidamente para os homens que passavam. Entre elas, em uma das entradas de onde saía uma cantoria animada, ele vislumbrou as duas que lhe ofereceram ajuda com suas malas no dia anterior. Teve um sobressalto. Quem seriam elas? Procurou levantar-se da cadeira, imediatamente ficou tonto e sentiu uma mão em seu pulso esquerdo que lhe puxou para baixo. Sentou-se novamente na cadeira e piscou várias vezes. Quando conseguiu focalizar novamente a visão, estava de volta à rua original e a mulher com roupa branca de turbante lhe encarava. Olhou para a outra mão e a comida estava lá ainda. A mulher soltou seu pulso e retomou seus afazeres. Havia clientes esperando suas comidas. Ele ficou estático por alguns instantes. A respiração ofegante, o coração palpitando no peito. Um suor frio escorria por suas têmporas. A pressão arterial havia baixado, o que não era comum para ele. Recostou-se na cadeira de plástico barata e respirou fundo várias vezes. Aos poucos, restabeleceu os pensamentos ordinários. Dessa vez, teve certeza de que estava envolvido em algum tipo de experiência consciencial transdimensional, o que quer que isso pudesse significar. Em sua mente, chegavam fluxos de pensamentos estranhos, mas límpidos. Havia uma certeza indiscutível nas explicações que sua mente estava criando. Apesar disso, uma parte racional dele ainda resistia. Descartou um transtorno físico. Já tinha alguma experiência em ocorrências mediúnicas para saber que tinha sido capturado em algum tipo de enredo metafísico que não poderia ser explicado pela sua mente racional. Isso lhe trouxe algum alívio. Como já se sentia melhor, deu uma mordida na comida. Um bolinho de feijão temperado, acompanhado de camarões fritos e um vinagrete. Simples, mas gostoso.

Terminou de comer, pagou a mulher e se levantou para voltar ao hotel. A mulher não havia mais lhe dirigido a palavra. Continuou servindo seus clientes como se nada tivesse acontecido. Ele começou a caminhar pela rua ainda em um estado alterado de consciência. Compreendeu, em algum lugar de seu novo estado, que não havia mais nada a conversar naquela hora. Que a mulher sabia o que havia acontecido. Talvez não o que havia visto, mas a alteração consciencial que experimentara. Após percorrer alguns metros, sentiu olhares em suas costas. Olhou por sobre os ombros e viu as duas meninas ao lado da banca da mulher. Suas imagens eram etéreas, como que transparentes. Uma das meninas fez menção de abanar em sua direção e a outra barrou sua mão. Olharam-se e

se viraram. Desapareceram no ar. Ele continuou seu caminho. Uma certa certeza concreta lhe assolou a mente. Sabia que deveria fazer algo, mas não sabia o que. Mas sabia que saberia quando fosse o momento propício. Voltou ao hotel. Quando passou no balcão de entrada, o rapaz recepcionista batia furiosamente em um pequeno monitor abaixo do balcão. Olhou para o homem e explicou que o sistema de monitoramento do hotel se comportava de forma errática às vezes. Naquele mesmo instante, disse o rapaz, teve a nítida impressão de ter visto uma mulher na sacada da frente do hotel. Porém, ninguém estava naquele quarto. O homem se interessou na mesma hora pela história. Perguntou se já havia visto outras vezes essa mulher. O rapaz confirmou. Disse que achava que era uma alma penada. O homem perguntou como essa mulher parecia. O rapaz descreveu a mesma mulher que ele havia visto. As coisas começavam a tomar forma.

Uma visita inesperada

Entrou no quarto e ficou no escuro durante alguns minutos sentindo. Sentiu o ar, o cheiro, o astral como se diz. Tudo parecia como um quarto normal de um hotel barato tropical. Os sons da cidade entravam pela janela que havia deixado aberta para que a brisa crepuscular amenizasse o calor intenso. O ar condicionado era barulhento e dormir com ele era impensável. A cortina balançava suavemente. Certo, pensou, está tudo tranquilo. De certa forma, sabia que os acontecimentos da noite anterior não se repetiriam. Tomou um banho frio e deitou na cama no escuro. O cansaço lhe dominou quase imediatamente. Piscou os olhos várias vezes e deu cochilos curtos até que Hipnos lhe alcançou e lhe levou ao encontro de Morfeu.

Andava descalço em um caminho de chão batido com poucas pedras. Era noite alta, talvez perto da meia-noite. Tudo estava parado. Chegou a uma porteira simples de madeira sem trava. Abriu e passou. Dobrou à esquerda e uma nova porteira muito parecida com a anterior apareceu. Abriu e passou. Contou sete porteiros que precisou passar. O ar era parado, sem vento. Percebeu de repente que não havia nenhum som, nenhum. A vegetação estava estática. Parou de frente para um arbusto e tocou em uma folha. Era uma folha realmente, apesar de parecer de plástico. Um riso baixinho cortou o silêncio. Ergueu o rosto e fitou uma pessoa alguns metros adiante toda de preto com uma capa. Uma cartola cobria a cabeça e o rosto estava encoberto pela sombra dele. Pela primeira vez, percebeu que havia uma luz de lua. O satélite estava atrás do homem fazendo com que a sombra encobrisse toda parte anterior do seu corpo.

— Tudo aqui é mentirosamente real, Senhor — falou o homem com uma voz gutural. Agora, o Senhor pode continuar seu caminho em paz. Ele está lhe esperando. O homem apontou para frente, ou seja, para o lado oposto da estrada.

Cáron virou o rosto para seu lado esquerdo e a luz da lua iluminava um monte levemente inclinado. No topo, divisava-se uma igreja pequena e simples de madeira. Ao lado, um ser purpúreo que, de longe, parecia tão alto quanto a igreja estava parado em frente ao portão de ferro de um cemitério. Esse ser purpúreo fez um sinal com uma lança para Cáron se aproximar. O gesto foi praticamente uma ordem e um certo magnetismo o puxou em direção à igreja. Conforme subia, conseguia observar mais atentamente os detalhes do ser. Era alto mesmo, mas não tanto quanto parecia. Na mão, carregava a lança com certas inscrições ininteligíveis para Cáron. Seu corpo era curvado e coberto de palha desde a cabeça. Não falou uma palavra, apenas levantou sua lança e tocou na frente de Cáron. Ao mesmo tempo, com a outra mão, segurou a palha e passou por cima da cabeça do visitante. Imediatamente, um sopro de um vento sem substância subiu pelas narinas de Cáron, que fechou os olhos e soube o que deveria fazer. Quando abriu os olhos novamente, estava de volta ao quarto do hotel e um galo cantava. Era o alvorecer.

O sonho lúcido lhe deixara revigorado. A força que sentiu daquele ser permanecia em seu corpo e sua mente. Os símbolos que seu inconsciente lhe apresentou serviram para definir uma posição a tomar, pela qual poderia se desvencilhar dos acontecimentos e retomar sua vida. Ainda não sabia exatamente porque tudo aquilo acontecia, mas saber o que precisava fazer lhe deixava em uma posição de poder.

A volta da bruxa cozinheira

Desceu as escadas nesse novo estado de espírito. Tomou o café ralo do hotel e se dirigiu para a porta da frente. Quando entrou no hall, parou. A cozinheira da noite anterior estava sentada em um sofá conversando com um casal. Na hora, ela acenou para Cáron e lhe chamou. Ele se aproximou do sofá e cumprimentou as pessoas. A cozinheira estava sem os trajes típicos da noite passada. Vestia um vestido inteiro simples de tons pastéis e uma sandália rasteira. O cabelo escondido na noite anterior pelo turbante estava preso em um rabo de cavalo. A outra mulher era mais velha, com um rosto com alguns sulcos da idade e do sol. Os cabelos com cachos cinzas denunciavam sua idade mais avançada. O olhar era preocupado e triste. O homem que estava em frente dessa mulher era mais novo aparentemente. Os cabelos castanhos, curtos e bem aparados emolduravam um rosto circular como a lua cheia. Depositou os olhos perspicazes sobre Cáron e perguntou algo para a cozinheira.

— Sim, é ele mesmo, ela respondeu. E virando-se para Cáron, complementou: tenho certeza que o Senhor sabe que algo está acontecendo aqui nesse hotel. Também sei que o Senhor sabe que essa coisa transcende essa realidade ordinária.

Antes que Cáron pudesse responder, o homem que cochichou com a cozinheira apressou-se a levantar e estendeu-lhe a mão.

— Desculpe a minha falta de educação, Senhor?

— Cáron, muito prazer. Estendeu a mão e cumprimentou o homem. E qual a sua graça? Perguntou.

— João da Luz ao seu dispor. Essa é minha esposa, Juracy. A mulher estendeu a mão para Cáron que lhe cumprimentou.

— Sente-se, por favor, continuou João da Luz. Depois que Cáron sentou em uma poltrona de frente para o sofá, Juracy subitamente lhe tomou as mãos.

— Veja bem, meu Senhor. Estamos numa situação pra lá de estranha. Eu sou uma mulher de fé, mas não acredito em absolutamente nada do que meu marido falou sobre fantasma e almas penadas que estão assombrando nosso hotel. Só sei que estamos quase falidos, pois a fama que corre por aí é que esse lugar é mal-assombrado. Imagine o Senhor que até inventaram que um padre tentou fazer um exorcismo aqui e morreu fazendo isso. Que absurdo! Nenhum padre jamais colocou os pés aqui. Se eu tivesse que pedir ajuda espiritual, pediria ao pastor, nunca a um padre.

— Para quieta, mulher! Retrucou João da Luz. O fato é que estamos quase falidos. Que ninguém mais se hospeda aqui. Já fiz uma investigação informal do que pode estar acontecendo. A gente posta nossos quartos no aplicativo de hotel e eles desaparecem como mágica. Pressionei o Gilnei, que é o único que tem acesso ao sistema do hotel além de mim. Ele jurou de pé juntos que não mexe nos anúncios. Então, veja só, Senhor. Eu fiquei desesperado foi quando Gilnei me mostrou os vídeos em que mulheres aparecem do nada na sacada do hotel. Coisa muito desconfortável mesmo. Impossível ficar impassível vendo aquilo. Então, num arroubo de desespero, chamei Chica do Brejo, conhecida por sua capacidade de transitar entre mundos — acenou com a cabeça para a cozinheira.

— Pois então, Senhor João da Luz e Senhora Juracy, falou Cáron. O fato é que estou convencido de que esse hotel foi usado, no passado, como prostíbulo. As palavras afetaram

o casal. Juracy protestou veementemente, explicando que eram gente de bem, que nunca poderiam deixar isso acontecer. O fato é que isso foi há muito tempo atrás, Senhora Juracy, continuou Cáron, e tenho certeza também que havia muitas meninas novas que eram exploradas. São essas crianças que, hoje, pedem socorro. Estão aqui, presas em uma época e em trauma. Querem libertação. Não sabem porque foram obrigadas e se entregarem aos desejos mais sórdidos. Veem em você, João da Luz, a reprodução do seu carrasco, o homem que as recebia em troca de dinheiro.

As palavras de Cáron atingiram em cheio a estabilidade do casal. Juracy ficou branca e balançava a cabeça murmurando “não, isso é absurdo, isso não existe... nunca...” e se deixou cair sobre o sofá branca como seda. João da Luz recostou-se também e seus olhos gazearam em direção ao nada. Somente Chica do Brejo manteve a atenção muito centrada. Apertava os olhos e mirava João da Luz, depois passava a atenção para Juracy. Finalmente, olhou para Cáron.

— Senhor, devo-lhe uma explicação. Como o meu nome mostra nasci no brejo alto, uma região de caatinga não muito distante da nascente do rio Pardo. Um lugar alto, com umas grammas rasteiras com muitas flores. Vou lhe dizer, Senhor, que aquilo lá não parece caatinga porque tem uma água no ar diferente daquelas paragens secas que pode se imaginar. Cresci por lá, sabe. Andando por tudo que é lugar e falando com tudo que é coisas viventes e não viventes. Sabe, Senhor, eu tenho um troço comigo desde que me conheço por gente. Certa vez, eu falei pra um homem diferente que apareceu por lá. Tinha uma vestimenta cheia de bolsos e tinha um chapéu bem diferente. O cabelo era da cor da palha amarela. Eu falei pra ele que uma certa flor que eu conhecia há muito tempo era boa pro bucho. Ele me perguntou como eu sabia daquilo. Ora, pra mim era tudo natural, escutar e entender. Eu disse pra ele e ele não entendeu. Falou pro meu pai que eu tava tentando enganar ele. Meu pai ficou bem bravo com ele que o expulsou da terra sob a mira da arma. Depois, quando eu fiquei moça, tudo ficou mais claro. Eu via, eu vejo e entendo. Não sei como, mas entendo. E eu entendo que o Senhor está coberto de razão. Só precisava de um homem diferente chegar, assim como me disse a dona daqui de antes. A mulher do dono safado que escravizava as crianças por sexo. E esse homem é o Senhor!

Quando Chica do Brejo acabou de falar, Juracy fez um som, deu um grito rápido e desmaiou no sofá. João da Luz ficou branco como cera. — Quero é saber se isso tudo aí que você tá falando Chica vai resolver nosso problema.

— João da Luz! Pare de pensar no seu umbigo que isso leva um homem sempre pro caminho da solidão e da desgraça. Chica do Brejo disse, levantando. — Hoje, às 20h, eu e esse Senhor aqui vamos dar um jeito nesse seu infortúnio herdado. Com a Graça de Nosso Senhor Jesus e de nosso amado Padre Cícero tudo vai se resolver. E o que mais importa é que as crianças que estão presas aqui sejam libertadas. Por isso eu te digo, João da Luz, trate de mudar esse seu intento pra que tudo se passe da maneira certa, porque algumas daquelas crianças já eram mais grandes naquele tempo e andam pensando em vingança.

Névoa

Às 19:55h, Cáron abriu a porta de seu quarto e saiu para o corredor do 1º andar do hotel. As madeiras rangiam sob seus pés enquanto percorria os poucos metros que o separavam do quarto da frente da construção, o da sacada. Conforme se aproximava, seu corpo era mobilizado por energias magnéticas. As pernas pareciam grudar no chão e sua compleição mudava. Talvez não mudasse para um observador, mas ele sentia seu corpo inflar. Chegou ao seu destino e um sopro de ar quente e adocicado se espalhava pela fresta inferior da porta do quarto da sacada. Colocou a mão na maçaneta e abaixou, quando ouviu o clique do trinco, estava em algum lugar fora de seu corpo, apesar de ter consciência de seu corpo. Passou a observar.

Quando voltou ao seu corpo, a última coisa que lembrou é de que, no quarto, havia várias meninas ao redor de Chica do Brejo, que olhava fixamente o corpo dele.

— Nosso pequeno ritual foi um sucesso! Ouviu Chica do Brejo dizer enquanto retornava do estado alterado de consciência. Estava sentado na cama do quarto da sacada e seu corpo sentia o cansaço de um esforço físico intenso. Porém, sua mente estava em um estado de atenção incomum. Mas não era a mente comumente. Aquela mente ininterruptamente inquisidora habitual, que questiona e procura significados. Era mais um estado mental de percepção sem linguagem. A realidade física, naquele momento, se caracterizava por um contínuo entre o seu corpo e toda matéria, como se não existisse divisões. Então, podia fixar sua atenção em qualquer coisa que imediatamente a compreendia, sem palavras, sem a mente inquiridora. Nesse estado, sabia que era inútil tentar expressar o que estava se passando em sua consciência, pois, na ausência de uma mente inquiridora, o significado das palavras é limitado e inadequado.

Nesse estado alterado de consciência, percebeu tudo que havia acontecido, apesar de não conseguir estabelecer relações causais no espaço ou no tempo. Uma sensação abrangente que tomava conta de tudo era a de gratidão. Chica do Brejo olhou para ele e entendeu o que estava se passando.

— Viu, é isso mesmo que eu sinto desde que sou criança. Uma certeza de que tudo é como deve ser. Sinto e entendo e não consigo explicar, assim como tu está agora. Com essa cara de bocó! Chica do Brejo ria desbragadamente. Estava alegre com o resultado do que aconteceu. A atmosfera do hotel havia mudado, isso era aparente. Antes, a impressão era de que estava lotado de pessoas e de sofrimento. Agora, o hotel parecia vazio, oco, silencioso. Nesse momento, João da Luz e Juracy entraram no quarto.

— E então? Está tudo bem? O que houve? Perguntou João da Luz, enquanto Juracy se dirigiu, assustada, para a sacada. Parou no parapeito e olhou para a rua, os carros passavam tranquilamente, a luz da lua iluminava o rio quieto. Uma figura do outro lado da rua chamou sua atenção. Era uma mulher nova, talvez pelos 30 anos. Vestia um vestido vermelho que chamava atenção e tinha rosas no cabelo preto. Os transeuntes passavam como se ela não estivesse ali. A mulher levantou a cabeça e olhou nos olhos de Juracy. Deu um leve sorriso, virou de costas e começou a caminhar em direção ao rio. Conforme se distanciava, adentrando na penumbra, sua silhueta desaparecia. Juracy soltou um grito seco e desmaiou.

Chica do Brejo voltou para seu local de origem onde continuou a sentir e ouvir e entender.

Durante os meses que se passaram, conforme sua mente retornava ao estado ordinário, Cáron foi tendo flashes do que acontecera no quarto naquele dia. A compreensão inequívoca lhe tinha abandonado, pois a mente inquisidora havia voltado. Nos dias seguintes ao ocorrido, o resultado do concurso foi divulgado. Cáron ficou em 5º lugar entre 50 candidatos. A vaga era para apenas uma pessoa. Cáron se convenceu de que havia quase cruzado o país com o objetivo de participar do ritual. De alguma forma, tudo estava certo.